

# A EPOCA.

## JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

### LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



#### ESCOLA FRANCEZA.

Como a Hespanha, a França foi buscar à Italia os principios da sua escola. Francisco I, que amava as artes e estimava os artistas, attraheu para a sua corte os celebres Leonardo da Vinci (em 1515) André del Sarto, e outros pintores italianos que estabeleceram em França uma escola, onde receberam lições Francisco Clonot, e Corneille Lyon.

ТОМ. II.

A serie dos artistas francezes acha-se porém interrompida logo no seu começo: a decadencia seguiu de perto o primeiro desabrochar dessa flor estrangeira. A corrupção da corte nos reinados de Francisco II e Carlos IX, que não comprehendiam a arte pura e nobre, e só davam apreço aos artistas que prostituíam o talento às suas fantasias licenciosas, seccou a inspiração, e fez esquecer as regras verdadeiras da pintura e da composição.



Uma nova pleiada de grandes pintores appareceu no principio do reinado de Luiz XIV, entre os quaes se distingue o maior artista que tem tido a escola franceza, o illustre Poussin. Poussin é tambem um discipulo da escola italiana; foi em Roma que elle recebeu a sua educação de artista. Na sua patria, onde Poussin voltou depois de ter terminado os seus estudos, as obras simples e profundamente pensadas que saham do seu pincel não foram comprehendidas: o *grande rei* e os fastuosos fidalgos que lhe ornavam a corte, não sabiam dar valor senão á pompa, ao luxo, ás bellezas exteriores. Poussin cujo espirito nobre era repassado de philosophia, que sabia escrever um pensamento grave em cada imagem, que escondia a mais sublime poesia entre os ramos das suas paizagens, não pintava para os olhos mas para o espirito.

Outros pintores illustres trabalhavam nesta epoca. Valentin o imitador de Caravagio, Jaques Blanchard o Ticiano francez, Claude Lorrain paizagista inimitavel, Mignard o *romano* retratista e auctor dos *frescos* do zimbório de Val-de-Grace que conteem mais de duzentas figuras, e finalmente os dois grandes artistas Lesueur e Lebrun, que todos se desenvolveram no mesmo seculo, devem occupar o logar mais eminente na historia da arte em França.

Lesueur, que nasceu em 1617, recebeu lições só na escola de Pariz; porém não deixou por isso de ser um discipulo da Italia. Foi nas obras de Rafael que este pintor aprendeu o desenho puro, a simples e harmonica belleza do seu estillo. As obras de Lesueur foram freneticamente criticadas por zoilos ignorantes; a inveja de seus miseraveis inimigos manifestou-se ainda depois da morte do artista; para salvar os quadros de sua composição, que se achavam no convento dos Carthusos, foi necessario cercal-os com uma grade de ferro. Lebrun estudou em Roma dirigido por Poussin; e, dotado de imaginação ardentissima, deu-se á pintura apaixonadamente. Este artista foi o fundador das duas academias francezas de Pariz e de Roma.

No tempo de Luiz XV a decadencia foi extraordinaria; o gosto da verdadeira pintura extinguiu-se de todo na França. O *amaneirado*, e exaggeração theatral, que tem sido sempre o defeito mais notavel da escola franceza, até nos seus periodos de maior pureza, transformam-se n'um estillo ridiculo, em que os amores os ornatos floridos constituíam a base de composições, sem pensamento, feitas só para deleitar o espirito sem fallarem á intelligencia.

No seculo XVIII quando na França se fez uma trans-

formação radical; na philosophia, na sciencia, na politica, a arte foi tambem retemperada pelo estudo da natureza, e do bello antigo. Greuso e Regnault foram os que primeiro abandonaram o estillo amaneirado que o máu gosto do tempo tinha generalisado; profundamente penetrados do sentimento da natureza, estes distinctos talentos resistiram á decadencia, e voltaram os olhos para os modelos da arte italiana.

Foi porém David quem completou a transformação. Os modelos da arte antiga foram conscienciosamente estudados, e a sua influencia sobre o estillo da nova escola foi tal, que degenerou em defeito. David, segundo as suas proprias palavras, queria pintar de modo que, se um Atheniense voltasse ao mundo, as suas obras fossem por elle consideradas como produções de algum habil pintor da Grecia.

David imprimiu uma nova direcção ao estillo da escola franceza; pelos seus conselhos se formaram muitos pintores celebres, entre os quaes se encontra Gerard, auctor do quadro de Belizario, que vem representado na nossa gravura.

Gerard foi o pintor das transições politicas. Energico com a revolução, grande com o imperio, delicado e facil com a restauração, este artista soube moldar o seu talento a todos os gostos, commover todas as paixões. Os seus quadros resentem-se da influencia de David; a musculação é pouco flexivel, a composição theatral, as figuras assemelham-se mais a estatuas do que a homens: mas estes chamar-lhe-hemos defeitos porque o são, não se notão em todas as obras do seu pincel. O quadro do Belizario é simples e profundamente sentido; por elle se póde julgar do talento do pintor.

Desde esta epoca a escola franceza tem possuido muitos artistas notaveis; e hoje é uma das mais ricas em talentos, que tem a Europa. Um só, Horacio Vernet, póde dar gloria a uma nação: filho da revolução, Vernet pinta as revoluções e as batalhas, o deserto e os combates, como o seu predecessor do mesmo nome pintava o horror das tempestades.

Antes porém de chegar ao bello e sincero naturalismo que hoje a distingue a escola franceza teve um periodo de fermentação, um periodo de naturalismo excessivo, foi aquelle em que dominou a escola *romantica*, de que Gericault foi o chefe.

Os excessos felizmente desappareceram de todo agora; e arte caminha n'uma direcção segura, onde por certo a verdade a não póde abandonar.

João d'Andrade Corvo.



## PARTIR PARA SER BISPO E ACABAR SINEIRO.

(THROWS FOR BISHOP-DRAWS BEADLE)

## PROVERBIO

(Continuado no n.º 31).

TOM.

Isso com effeito é simples; com tudo ha algumas disposições preliminares. Que ressuras tendes para vos estabelecer mendigo?

PAT.

As minhas ressuras?

TOM.

Sim.

PAT.

Não entendo.

TOM.

N'uma palavra, tendes do que *tine*?

PAT.

Cada vez intendo menos.

TOM.

Está bom! o dinheiro necessario para pagar as primeiras despesas.

PAT.

Dinheiro? Mas, se eu o tivesse, não pediria esmola.

TOM.

Não pediríeis esmola! Bella maxima, em verdade, para um que quer ser mendigo! Se não tendes dinheiro, podeis ao menos ter *tick* n'alguna parte?

PAT.

Que palavra é essa que dizeis?

TOM.

*Tick*. Que paciencia é preciso ter! Quero dizer credito.

PAT.

Não tenho nem um *farthing*.

TOM.

Então, meu amigo, como poderíeis pagar?

PAT.

Pagar! E que ha que pagar?

TOM.

O que ha! primeiro a joia d'inição na nossa corporação, depois uma fiança que garanta o dizimo que deveis subtrahir das esmolas que receberdes em favor da dita corporação, depois a patente para celebrar o dia da recepção, depois o presente que é conveniente fazer ao deão da confraria, depois...

PAT.

Daniel O'Dhu não me tinha fallado nisso tudo.

TOM.

Quem viu nunca o cão caseiro deixar os cães de fora vir livremente comer na sua tijella, porque está

cheia? O mesmo succede aos nossos mendigos. Mas suppondo que tivesseis satisfeito as exigencias da corporação por uma fiança, como pagaríeis ao *writer* que ha-de redigir o vosso requerimento para ser registrado em Bow-Street, as despesas de exame, o direito de patente, a requisitoria do *attorney* para a admissão da supplica, o preço do despacho, a satisfação das despesas de sello, os emolumentos do escrevente, a gratificação aos mensageiros d'armas, a...

PAT.

Ai!

TOM.

A intimação do despacho aos *condestaveis*, as custas aos *condestaveis*, o imposto á parochia do domicilio, o imposto levantado pelo *common informer*, as gratificações aos *watchmen*?...

PAT.

E se eu não pagar tudo isso?

TOM.

Se não pagardes aos mendigos, encontrar-vos-hão um bello dia n'algum canto sovado pelas moletas; se não pagardes aos agentes da policia, os varinhas (1) vos arranjarão n'uma grande casa, onde tereis abrigo e sustento...

PAT.

Então, senhor?....

TOM.

... Um quarto mal arejado, humido no verão, inundado d'agua nos dias de maré, onde o amigo de Daniel O'Dhu, o compatriota de Dick Mac Shane, não ouvirá nunca mais fallar em sol.

PAT.

Ai! Pois é preciso tanto dinheiro? Quem pensaria tal? Pagastes esse tonel tão caro?

TOM.

Por toda a parte ha privilegios, amigo Paddy, e eu era daquelles que tinham direito, por nascimento, a um bill de indemnidade.

PAT.

Por nascimento! Pediríeis esmola á porta de uma igreja, se fosseis filho de um lord? Estais brincando!

TOM.

Não sou filho de um lord, mas posso dizer como Pistol: «Sou de tão boa familia como o imperador (2)».

PAT.

Não é possivel, senhor.

TOM.

E' a antiguidade que torna nobres as raças; mais vale um lavrador que recebeu os seus titulos de Guilherme o Roxo, do que um fidalgo, cujos pergaminhos não teem ainda a tinta secca. Sou um filho da sacola; meu pae era deão dos mendigos de Londres, meu avô o Escossez, *bedesman* do rei; e, no prego do quarto, ao pé da chaminé da minha casa, ha a geita-de-fole e o capote azul daquelle que foi Rob Ruf-

(1) Constables.

(2) Henrique V, Shakespeare.



lling, que tocou arias antigas diante do rei Jamie, e lhe recitou por extenso os velhos gritos de guerra do paiz, n'uma palavra, o *sloggorne* completo da Escossia.

PAT.

Diante de nm rei, senhor!

TOM.

Poderia ter disse orgulho, mas cá eu sou como o Hostpur da ballada:

— Hostpur! não sentes orgulho

De guiar um tal murzelo?

— De meus immensos

E' de certo o menos bello.

PAT.

Fallais serio?

TOM.

De certo! é uma grande honra para mim terem todos os meus antepassados trazido o capote azul, exactamente como os cavalleiros da ordem da Liga: mas que vale isso em comparação dos meus outros antepassados os *jockeys* d'Escossia. Meu pae fallava-me nisso com melancolia: « Os *jockeys*, me dizia elle, seguiam os acampamentos dos reis, e tocavam harpa. O rei mandava ás vezes ao *jockey* que acabava de cantar um anel, ou uma taça de ouro que tirava da mesa, ou as esplendidas eguarias do seu banquete; e agora, no dia dos seus annos, o rei faz-nos presente de um capote azul sem os calções, de uma missa enorme que não tem fim, e de um jantar que acaba logo, porque não ha mais que uma perna de carneiro cosida. » E meu pae suspirava, e não era com razão? Não é o mendigo mais ainda que um missionario, quasi um homem d'igreja?

PAT.

Como se entende isso?

TOM.

Christo não disse pouco mais ou menos estas palavras: « A'quelles que derem penny em meu nome, restituirei um cento; o que val oito shellings, quatro pence que lhe levarei em conta? » Não tenho eu direito de dizer que o que se promptifica para que todos pratiquem nelle uma lei divina val mais mil vezes do que um *attorney* geral, que não existe senão para manter uma lei dos homens e acaba por enforcar o proximo? sempre o intendi assim, e tenho posto a minha conducta em harmonia com os deveres que me eram impostos pelos preceitos de meus paes. Toda a giria me parece boa quando serve para provocar a sensibilidade do proximo, e arrancar-lhe uma prova de caridade; porque é a virtude mais escondida nos homens, senhor Pat, sou eu que vol-o digo, e quebram-se muito anzoos fortes antes de a pescar lá do fundo do seu covil.

PAT.

Por desgraça, não tive na minha familia nem bardos, nem capotes azues, nem *bedesmen*, nem *jockeys*: não tive senão pobres diabos como eu, e que nem mesmo conheci. Foi o reverendo padre O'Toole, quem

me ensinou a bemdizer o nome de Deys, quem me disse que tive pae, mãe, e dois irmãos. Todos quatro estavam para morrer de fome n'uma estação má, quando, felizmente, morreram todos da mesma epidemia.

TOM.

Está bom! visto que não ha nada que esperar por esse lado, vejamos se tendes, para vos fazer admittir como mendigo de Londres, meios bons e reaes de excitar a compaixão publica, de provocar a caridade? ...

PAT.

Oh! Em quanto a isso, senhor, posso atrevidamente dizer: Sim! Todos os accidentes que me teem acontecido... a desgraça que me tem perseguido... Oh! digo-o confiadamente: sou um objecto digno de piedade.

TOM.

Será bom vêr, veremos... Ah! vem Pepper que me mandam por causa do importante negocio do jantar.

## SCENA II.

TOM, PAT, PEPPER.

PEPPER.

A rotunda senhora do balcão da *Liga coroada* manda-me perguntar o que deve preparar para o jantar de vossa honra (3), e pede-vos que acceiteis os seus affectuosos cumprimentos. M. Dick Mac-Shane, que está na taberna faz tambem os seus cumprimentos. Mistress Diddlington encarrega-me tambem de vos dizer que teria grande satisfação em saber se a chuva de hontem vos constipou; que sentia muito não ter tido ostras, mas que o capitão Clarck acabava de lhe comer quarenta e duas duzias por aposta; que estava admirada das couves de molho cheirarem a azedo, porque ninguem se tinha queixado; que...

TOM.

Basta. Fareis os meus cumprimentos á boa mistriss Diddlington; depois dir-lhe-heis: cabeça de vitella...

PEPPER.

Sim, senhor, não me hei-de esquecer.

TOM.

Calai-vos, garoto, não brinqueis com equívocos. Depois dir-lhe-heis... A' fé, que estou hoje nos meus dias de rega-bofe, não quero só comer, mas jantar. Vemos a vêr: quero uma lista digna de um Falstaff de bolça cheia. Primeiro *turtle's soup*, rapaz.

PEPPER.

Uma sopa de tartaruga feita com a cabeça de vitella de que fallastes á bocada, senhor.

TOM.

Não, maroto, não; deixemos o *mork-turtle* para a gente baixa que quer fingir que chega á tartaruga não trazendo na bolça senão o preço da cabeça de vitella.

(3) Tratamento usado pelos inglezes.



Odeio esses subterfugios de cozinha que não enganam nunca um gentlemam goloso. Os diabos levem o carneiro *mariné*, quando o meu paladar reclama o carbrito bravo! Livra da vitella feita com azeite que quer parodiari o atum! Assim, quando digo *turtle's soup*, é porque desejo pescar peixe no meu caldo apimentado, e não fios do alderman boi. Eis a sopa, seguir-se-ha um *beefsteack-pie*, Pepper; não é este o guizado que faz mais gloria á linda Sucky?

PEPPER,

Talvez, senhor; se quereis, perguntal-o-hei da vossa parte a mistress Didlington, conservando essas ultimas palavras: «A' linda Sucky.»

TOM.

Deus vos livre de tal, lingua de vibora. Continuem na nossa tarefa; que tinha eu dito? tres pratos?

PEPPER.

*Turtle's soup*... *beefsteack-pie*... e «a linda Sucky.»

TOM.

Caluda! toleirão. Regaremos isso com porto, juntar-lhe-hemos uma boa posta de salmão; mais mostrará de Durham; mais...

PAT.

Oh! comerá melhor jantar o *lord-maire* de Dublin?

TOM.

Comerei folhados, crèmes? Não. Cá nós cavalheiros da Bocca-Delicada, que temos comido tantos guizados, cujos nomes sabe apenas o pobre diabo vulgar, temos ás vezes excentricidades incriveis de gosto, caprichos por alguma chanfana do povo. Estou com meu apetite de ter uma verdadeira sobremesa de lavrador. Quero um bello triangulo de queijo de Stilton e cerveja. Confesso que gosto de sentir a fermentação da cerveja a lutar com o sabor piquante do Stilton, que é irritante sem aspereza, que é tenro sem ser gorduroso nem mole, que é consistente e de massa compacta sem ser secco nem se esfarelar, que... (*a Pat que olha para elle, de bocca aberta, com os olhos esfaimados.*) Ah! aqui está quem olha para mim de uma maneira esquisita. Ah! ah! ah! fiz crescer agoa na bocca ao pobre rapaz, e veiu-lhe a fome.

PEPPER.

Parece-me antes, senhor, que ella o não deixou nunca.

TOM, a Pat.

Já podeis vêr que seriam dias de gala para Daniel, os meus dias ordinarios...

PAT.

Sim, sim, senhor.

TOM.

Que elle é uma pessoa insignificante comparado comigo.

PAT.

Sim, sim, senhor.

TOM.

E que estou tanto em estado como elle de fazer comer um bom jantar a um protegido.

PAT.

Oh! senhor, fazei-o comer o jantar, ainda que não seja bom.

(Continua.)

## INDUSTRIA E SCIENCIAS.

## ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICITOS.

Nesta epoca, em que a voz dos interesses phisicos é tão poderosa e a lucta das ambições tão viva, ha todavia factos, que condemnão as theorias absolutas de alguns moralistas. Exemplos de raro heroismo, rasgos de sublime devoção, e actos de caridade admiravel provam que o homem e a sociedade não são hoje peiores do que eram; e que a virtude não deixou para sempre a terra, marcando o derradeiro vestigio dos seus passos.

Estamos em uma crise social, que nenhum de nós sabe como se resolverá. No passado por cada victoria da civilisação o holocausto de centenaes de victimas; no presente incerteza e dôr; e sobre o futuro a sombra de um mysterio, que enluta o coração e verga o pensamento. Nesta jornada eterna para um fim, que todos ignorão, o individuo e a humanidade como *As-haverus*, debalde querem deter-se, e descansar; um braço invisivel impelle-os; e uma voz continua lhes clama; adiante, caminha!

A historia dos progressos sociaes é a historia do martyrio da intelligencia e da virtude. Desde Socrates até Christo; desde Galilleo até *Maiesherbes* — os tractos e o patibulo, eis o premio dos que disseram a verdade aos homens. Quando os scribas coroavão de espinhos o Messias, e o saudavam rei vestindo-lhe a purpura da irrisão, estavam longe de suppôr, que fazião a historia de tres mil annos. De feito o que tem sido a gloria e o talento senão uma corôa de dôr na fronte do genio? A purpura do triumpho senão a tunica do centauro, queimando até aos ossos o martyr que ousa, como *Hercules*, medir-se com a mentira e ferir os erros?

Mas no meio das vicissitudes deste combate de tantos seculos, repetimol-o, nem os individuos nem a sociedade se tornaram peiores. Na alma do homem dos tempos modernos coube a virtude antiga — mas no coração da mulher ha talvez mais amor, mais resignação ainda, e maior caridade. Companheira inseparavel na vida e na morte segue o esposo, o filho, ou o irmão pelo desterro do mundo, e carrega no hombro delicado a haste dessa cruz, que vergou as espaduas de *Homem-Deus*. Sentada aos pés do calvario



recolhe na angustia silenciosa o sangue e as lagrimas, consola a desesperação, e alenta o desconforto. Para os que descreem tem o amor; para os que penão tem a caridade. Filha do christianismo a religião que no peito do homem tantas vezes vacilla, no seu resplandece nas tribulações com uma luz vivissima; fragil pelo sexo nos momentos supremos acha a grandeza e a força dos heroes para morrer ou triumphar. No circo romano, no campo da peleja, na clausura do mosteiro, vemol-a passar atravez os seculos com o facho da esperança, com o balsamo da caridade, com as consolações da misericordia.

E o que foi então, é hoje, ha-de sempre ser. As Lucrecias Borgias, excepções monstruosas, não matão, confirmão a regra. Onde houver um sacrificio heroico a fazer, ou um acto de grandiosa abnegação a consummar, procurai a mulher, que a achareis firme sem jactancia, modesta, resignada. Entre nós quantos exemplos não conservou a historia? E de quantos não levou o tempo o segredo consigo á sepultura?

Estas breves reflexões não significão lisonjas, mas sincero tributo de respeito. Quando os olhos do que padece se enchugão pela mão da caridade — abençoa-la é um dever. Quando o frio, a fome, e a miseria dos que são nossos irmãos pelo berço commum da patria se mitigão, e consolão, referil-o é estimular a que se imite a virtude. Quem ajoelha ao lado da dôr e a adoça; quem sobe ao ninho do pobre e o abriga; quem soccorre a innocencia que geme, a honra que lucta com a desgraça, e a firmeza que se não rende á miseria, e como o anjo de Deus desce a espalhar sobre estas agonias as graças da esperança, esse, quem quer seja, levantou para si no coração de todos um monumento mais duravel do que o orgulhoso pedestal das glorias mundanas!

No seio de Lisboa, que foi a opulenta côrte de um grande imperio, houve sempre as lagrimas silenciosas da pobreza. Quando as quinas tremulavão nos muros de Adem e Dabul, ou nas ameias de Tanger e Ceuta, quantos dos velhos soldados d'Africa e da India se consumião de miseria nos desvãos sombrios da orgulhosa capital? Quantos para calar o pranto dos filhos enchugavão os olhos a furto, e pondo a mão sobre a fronte tostada do sol das batalhas, procuravão aviyar a memoria das proezas do oriente, unico legado que lhes deixavam?

E hoje é ainda o mesmo. Nas trevas da noite, tremulas como réus, não vêmos nós passar pelas ruas quasi ermas essas figuras meias escondidas, estender-se a mão envergonhada, e em soluços pedir uma esmola a mesma voz que já commandou o fogo á frente do inimigo nas gloriosas guerras da independencia? Quantos dos fortes de então já expiraram na penuria; quantos mais infelizes que estes ainda se arrastão de miseria em miseria disputando á fome os ultimos dias de uma vida de amarguras? Com a extincção dos conventos desapareceu a beneficencia monastica, e cres-

ceu a pobreza; os que então repartião do que lhes sobrava pedem agora. Só no regaço da caridade, irmã gemea da religião, é que hoje podem os desgraçados encontrar amparo e compaixão. Tudo o mais acabou para não voltar.

Mas a caridade multiplicou-se; infatigavel no amor como os antigos religiosos das ordens de beneficencia, inquire, adivinha os padecimentos; segue-os, compadecede-os, e soccorre-os. Conhecendo, que os desejos de um só pouco valem, quando o mal se estendeu a tantos, foi buscar á união a força que só ella dá. Assim no centro da capital, onde moralistas atrabilia-rios clamão que só reina a cubiça e a devassidão, ha corações que pulsão com o doce pensamento de suavisar a dôr; e ha boccas que não se peção de implorar o obolo do rico para consolar o infortunio; ha em fim uma associação sómente inspirada pelo sentimento evangelico, que imitando o Messias vai pelo meio do povo, sarando as chagas d'alma, e salvando do abismo os que em uma hora mais talvez se despenhassem!

Fallamos da « Associação Consoladora dos Afflictos » auctorizada pelo Governo em 28 de Junho de 1847, e definitivamente approvada em 30 de Novembro do mesmo anno. Esta sociedade concebida e inspirada pela virtude de uma Senhora, que não fez nunca ostentação nem dos elevados talentos, que Deus lhe dispensou, nem da inesgotavel caridade, a que se pôde affirmar que dedica todo o seu tempo, fundou-se sem arruido, sem annuncios vaidosos, sem o menor apparato, e todos os dias se dilata e fortifica. Composta exclusivamente de Senhoras, regendo-se com a maior simplicidade, não despreza nenhum soccorro que possa prestar á indigencia, não esquece nenhum meio de a conciliar e remediar.

O fim da Associação é prestar soccorros domicilia-rios ás familias honestas, recolhidas, e envergonhadas, que delles precisarem. O que em diversas nações é obra da acção governativa, emprehende-se em Portugal pela mão beneficente de um sexo, que nunca é tão bello, como quando une ás graças da natureza os nobres sentimentos e os affectuosos instinctos, que em todos os tempos realçaram os seus encantos. A Associação não admite no seu seio senão Senhoras nacionaes ou estrangeiras, embora o seu culto seja diverso. Com razão. Que importa a fórma, porque se adora a Deus, quando o seu nome é glorificado pela caridade, e a sua lei cumprida no espirito e nas pro-messas?

A sociedade não tem numero fixo; todas as pessoas do sexo feminino, querendo, podem ser socias, com tanto que concorrão com a quantia de 480 réis, e sendo filhas-familias de qualquer idade, uma vez que em logar desta prestação offereção uma ou mais obras da sua mão annualmente. Aceitão-se todos os donativos prestados por individuos estranhos á sociedade, seja qual fór o seu sexo ou religião. Eis os meios e os fins. Mas nem todos se reduzem a isto. Se á miseria não bastarem



os recursos assim obtidos, se os soccorros como a gota d'agua no oceano não acudirem ás maiores afflicções, as associadas apezar da sua jerarchia, a despeito de todas as falsas conveniencias do mundo, consagrarão os seus serviços pessoais, e invocarão pela esmola a misericordia dos fieis.

Fundada nestas bases a associação não teve, nem podia ter as ambições, que de ordinario entorpecem, ou matam todas as instituições uteis entre nós, e em todos os paizes. Filha de um pensamento caridoso, satisfazendo ao preceito divino, que manda esconder a mão que soccorre, a humildade foi a sua divisa e a beneficencia o seu objecto. Nada mais simples do que a fórma adoptada para a administração interna. Na distribuição dos cargos longe de haver o desacordo que dilacera, manifestou-se a mais completa unanimidade. A direcção de cinco socias e a commissão de auxilios composta de doze — coadjuvaram-se mutuamente, e todo o seu esforço consistiu só em rivalisarem na actividade e na devoção, a que se obrigaram, acceitando tão piedoso encargo.

Quantas familias se reputavam já desamparadas, e quando de toda a parte as ameaçava a miseria, viram o auxilio ao pé de si, e a consolação a adoçar-lhes a dor? Quantas sem leito onde encostassem a cabeça, sem tecto que as abrigasse, estavam quasi a negar a providencia, e sentiram de repente a mão beneficente que as erguia e ouviram uma voz que lhes chamava, como Christo ao paralitico: — «levanta-te e caminha!» Seria infinito relatar os padecimentos que se mitigaram, e contar as lagrimas que se enchugaram. Basta dizer que Senhoras creadas no regaço da mais mimosa educação, não duvidam descer até ao alvergue do pobre, pôr o dedo sobre os andrajos da indigencia, e curar com o balsamo da esmola e da esperança as chagas d'alma mais crueis que as do corpo. Desde o dia em que se instalou, a associação não cessou ainda de progredir e de beneficiar. E' este o seu braço e o seu elogio. Oxalá que o exemplo seja seguido, e que na segunda capital do reino e nas provincias a mesma fé e o mesmo amor do proximo inspirem eguaes sacrificios e egual zelo. As vaidades do mundo passam; a gloria foge como a sombra sobre um tumulo; só a virtude é eterna como Deus, cuja imagem simbolisa entre os homens.

L. A. Rebello da Silva.

#### INFLUENCIA DO CLERO NOS PROGRESSOS DA AGRICULTURA.

A primeira necessidade industrial do nosso paiz é o aperfeiçoamento da agricultura, por muitas vezes o temos dito, e todos teem neste ponto a mesma convicção que nós. Esse aperfeiçoamento só pela instrucção se pôde obter: sem instrucção pratica, sem exemplos que con-

vençam, não é possível levar os agricultores a transformarem os methodos de cultura, a abandonarem os velhos instrumentos e a rotina que aprenderam de seus maiores.

A agricultura portugueza está atrazada, pela ignorancia dos lavradores, que desconhecem os preceitos mais simples da sciencia, e nem fazem idéa das descobertas que já hoje são populares em outros paizes. Ha, é verdade, algumas excepções; individuos instruidos, que seguem os novos processos e applicam nas suas terras os afolhamentos, que sabem unir e combinar os prados com os cereaes, a criação do gado com a cultura de plantas industriaes, mas estas excepções só servem para tornar mais evidente a ignorancia geral, os inconvenientes que della resultam para o paiz, e a perda que elle soffre na sua riqueza por se não acharem popularizadas as idéas scientificas, de que o agronomo necessita para caminhar seguro nas praticas da sua industria.

Antes de chegar a pôr-se ao par da dos outros paizes a nossa agricultura tem de vencer grandes difficuldades, porque em geral ainda se acha no primeiro periodo, no periodo *empirico*. Conhecendo um certo numero de factos, mal observados, viciados pela rotina, generalizados sem philosophia, factos de que não conhece as relações, em que não distingue os effeitos das causas que os produzem, a agricultura conserva-se entre nós estacionaria, em quanto nas outras nações da Europa progride e se desenvolve. Nessas nações a agricultura dispõe de elementos, que a nossa desconhece; ali a sciencia combina-se, auxilia a experiencia, a theoria ajuda a pratica, a instrucção publica generalisa os resultados, popularisa os preceitos.

Em quanto a instrucção publica não passar de simples promessa, em quanto ella se não ramificar por todo o reino, e não fôr levar as novas idéas ao povo dos campos, não pôde ter logar a transformação moral e industrial de que tanto carecemos. Houve uma grande mudança politica no paiz, com essa mudança cahiram muitas instituições viciosas, muito vicio social, muito abuso ruim foi cortado pela raiz; mas no terreno revolvido a nova arvore ainda não lançou raizes: contentaram-se em na apoiar á superficie, e nem pensaram que ella assim não podia viver por muito tempo.

Nada corresponde de facto em Portugal á nova formula governativa. O povo ignora ainda a maior parte dos seus deveres, desconhece muitos dos seus direitos: a instrucção não foi ainda desenvolvida, nem transformada, nem popularizada como o exige imperiosamente a organização constitucional do paiz. Só houve uma alteração importante na instrucção, mas essa desgraçadamente foi de um effeito negativo, manifestou-se por uma ruina: fecharam-se muitos conventos, e com elles muitas escolas gratuitas, onde o povo ia beber instrucção e receber educação moral.

Era uma necessidade social o extinguir os conven-



tos; dizem esses homens politicos, que ajudaram a derrubar muita cousa, mas que nunca souberam edificar. Não estamos de accordo; era necessario transformar, mas não derrubar. — Concedamos porém que a nossa opinião, que é a de homens muito mais experientes do que nós, é inteiramente falsa; e que a extinção absoluta dos conventos foi um *golpe de estado* magistral. Que consequencias resultam dahi? — Dever-se-ha concluir que ás escolas que existiam nos mosteiros senão deviam substituir outras escolas? Dever-se-ha concluir, que os bens desses mosteiros não pertenciam á nação, e deviam ser desbaratados sem utilidade publica? Provará muita prudencia, e uma philosophia esclarecida, a barbaridade com que então se lançaram na miseria centenaes de homens instruidos, que podiam ser empregados em illustrar o povo? Merecerão a gratidão deste povo, esses homens que tornaram inimigos das instituições liberaes, aquelles que pertenciam ás corporações religiosas, que por crenças e por indole eram corporações democraticas?

A historia responderá, e fará justiça.

A verdade é que esses elementos de instrucção estão hoje perdidos; que é necessario crear outros novos, que tenham força bastante para lutar com as difficuldades sem numero, que estes annos de revoluções politicas e de desordem administrativa, em que uma geração se formou nas trevas da ignorancia, devem necessariamente ter feito desenvolver. Só um systema de instrucção profundamente meditado, fundado na observação, que se possa pôr em pratica, e não seja destinado unicamente a ficar consignado n'uma lei esteril; só um systema em que se aproveitem todas as forças, que saiba assimilar todas as influencias e combinar as necessidades do povo com as necessidades do governo, a perfeição do ensino com a economia, é que pôde pôr termo á decadencia de Portugal.

O lavrador que passa a vida laboriosa e dura na solidão dos campos, precisa de um consolador na hora da afflicção, de um amigo na angustia, de um protector no perigo, de um conselheiro prudente que o dirija nos seus trabalhos: é no parochio que elle deve encontrar esse companheiro de todas as horas, que lhe falle em Deus, que lhe dê animo para levar ao cabo a vida, sem nunca perder a esperança no futuro melhor que promete a religião. A influencia do clero tem decahido muito, porque os sacerdotes teem por mais de uma vez esquecido o Evangelho para lançarem mão da espada, teem callado a palavra de Deus para descerem ao torpe pugilato das discussões dos partidos; o povo costumado a pagar pelas suas proprias mãos o ministro divino, tem-se pouco a pouco habituado a considerar o parochio como um exactor, como um inimigo. E' triste, é doloroso vêr a lucta que n'algumas aldéas existe hoje entre as ovelhas e o pastor, lucta que desce ás mais baixas intrigas, que leva muitas vezes parochos pouco instruidos e pouco

moraes a esquecerem os seus mais sagrados deveres. — Não ha muito ainda que, n'um *logar proximo de Lisboa*, um parochio, irritado pelas questões da terra recusou as consolações do céu a um moribundo que lhas pedia em nome da religião!!

E' um factio horrivel, mas verdadeiro. Tem-se dito por mais de uma vez neste jornal; este systema de dotação do clero que lhe faz perder a consideração, não pôde por mais tempo vigorar. E' necessario instruir o clero; é indispensavel fazer uma escolha severa dos homens a quem se confia a direcção moral e religiosa da nação.

A influencia do clero felizmente não está destruida ainda, porque as crenças religiosas se conservam puras no coração do povo. Convem agora alargar-lhe a sua esfera, estender essa influencia á instrucção litteraria e industrial: n'uma nação pobre não se pôde desperdiçar assim uma tão grande força, não se deve inutilisar um meio tão poderoso de educar os pobres, de moralisar e dirigir a infancia.

Interessar o clero no bem geral, empenhal-o na obra de regeneração, na transformação social que hoje se passa no mundo, sem com tudo o desviar da sua missão de paz, é dar ás novas idéas um alliado poderoso, que lhes ha-de tornar mais facil o triumpho. E' o clero que pôde lançar nos campos os nobres principios, que dirigem este seculo, essas sementes fecundas cujos fructos são o progresso intellectual, o desenvolvimento industrial, o melhoramento de condição dos que padecem pela miseria.

Não ha razão alguma para receiar que o clero advogue a causa do passado, e abuse da sua posição para derramar idéas falsas no povo, logo que a administração, comprehendendo os seus deveres, vigie sem descanzo o ensino publico, não deixe penetrar nas escolas compendios eivados de erros, nem consinta que se degradem pela miseria os homens a quem confia a direcção das novas gerações. A acção moral que a religião dá ao parochio necessariamente deve contribuir para fortalecer a sua auctoridade de mestre. São esses homens revestidos de um caracter augusto, os que podem convencer melhor trabalhadores ignorantes a mandarem seus filhos ás escolas; são elles que podem, nas praticas simples do pulpito, fazer comprehender ao pobre a utilidade da instrucção, e desenvolver a emulação, que anima ao trabalho, a rivalidade que se encaminha ao progresso.

A acção do clero pôde estender-se tambem sobre a agricultura. Mais instruido do que os simples lavradores o parochio pôde, dando-se ao grato e ameno trabalho de estudar os principios da sciencia, aconselhar e dirigir os pequenos proprietarios, indicar-lhes as modificações que lhes convem introduzir nas suas culturas, os melhoramentos economicos que podem fazer nos instrumentos aratorios, em fim pôl-os ao facto das conveniencias do mercado, e das leis geraes que o regem.



E' certo que, sem uma propriedade onde possam provar pela experiencia a verdade das theorias, deve ser mais difficil aos parochos convencer lavradores rotineiros a alterarem antigas usanças; com tudo, se elles empregarem meios de persuasão brandos, se fallarem com a simplicidade e clareza que dão o proprio convencimento e a certeza de que se defendem principios incontestaveis, a verdade irá pouco a pouco penetrando nas mais duras intelligencias, e acabará por vencer de todo erros profundamente arraigados nos nossos campos.

Não seria com tudo difficil que ás palavras os parochos juntassem os exemplos. Logo que elles possuam idéas claras sobre a sciencia agricola, e que se tenham convencido de que o valor da terra pôde rapidamente dobrar pela applicação dos methodos aperfeiçoados, hão-de lançar mão dos recursos da agricultura para augmentarem os rendimentos, tomando de arrendamento algumas geiras de terra nas proximidades do seu domicilio.

Uma parte do clero francez comprehendeu já estas verdades; citaremos aqui as palavras do bispo de Mans lidas n'uma assembléa agricola, que merecem sem nenhuma duvida ser meditadas pelos nossos prelados:

«Um objecto, disse elle, que me não parece indigno da minha attenção quando visito a parte da minha diocese, que se designa pelo nome de Bas-Maine, e especialmente o *arrondissement* de Magenne, é o melhoramento dos processos de agricultura; creio que posso occupar-me desse objecto sem faltar ás conveniencias prescritas pela natureza do meu ministerio. Encontro-me, ordinariamente, na casa dos curas, com os *maires*, adjuntos, e os mais notaveis proprietarios ou rendeiros dos campos; passo uma parte do serão com elles.. Se lhes fallasse de sciencias não me entenderiam; dou-lhes parte daquillo que vejo: desta terra vegetal abundante sobre tudo do lado d'Ernée; destas arvores vigorosas e dos productos mediocres que dellas se tiram; da pobreza e da miseria que por toda a parte se observa. Combato a sua rotina, os seus máus systemas, os tapumes de altas arvores em roda dos seus campos, as aguas estagnadas, os prados cheios de juncos, e que se transformariam se para lá se transportasse terra vegetal; os caminhos detestaveis, que tornam as communicações tão difficéis e dispendiosas, a mania de deixar crescer giestas nos campos, como meio de ter a terra em descanso; em lugar de lhe semear trevo, que nasce alli maravilhosamente, dá meio de augmentar o numero das cabeças de gado, de produzir mais estrumes, de fertilisar melhor a terra e obter mais ricas colheitas. Animo muito os proprietarios a tentarem innovações quando exploram as proprias terras, e para que exijam que os seus rendeiros as façam, ajudando-os a isso.»

As vantagens que os parochos hão-de tirar de conhecimentos agricolas adquiridos pelo estudo dos livros modernos, hão-de ser muito grandes; porque com es-

ses conhecimentos terão elles occasião de se tornarem uteis aos lavradores pobres das suas parochias, e ao mesmo tempo poderão augmentar os seus recursos. Mui vastas extensões de terreno fertil se acham ainda por cultivar no nosso paiz, e dessas, grande parte pertence aos concelhos; facil será pois aos parochos, com o auxilio do governo ou dos municipios, obter uma porção desse solo por uma renda modica, e tirar delle alguma utilidade; derramando ao mesmo tempo a instrucção pelo exemplo, e ensinando aos indolentes o santo preceito do trabalho.

Vivendo, como vivem, continuamente no campo, em contacto immediato com o povo, exercendo sobre elle uma incontestavel influencia moral, os ministros do culto pôdem auxiliar a administração, derramando a instrucção pratica, e popularizando os principios modernos das sciencias naturaes, cuja applicação tem transformado totalmente em outros paizes os usos antigos da agricultura. E' indispensavel porém que a administração promova, pelos meios poderosos de que pôde dispôr, o desenvolvimento desta nova força organisadora: isolados, sem apoio e sem conselhos, pobres, e vivendo, pela fórmula da sua dotação, em perpetua lucta com os contribuintes, os parochos não podem agora, no estado actual das cousas, entrar neste caminho que lhe deixamos aqui apontado.

Um exemplo notavel, que confirma o que temos dito sobre a utilidade que o clero dos campos pôde tirar da sua applicação a algum ramo de agricultura, acha-se consignado no *Jornal de Agricultura pratica* publicado pelos redactores da *Maison Rustique*.

N'uma aldêa situada ás bordas do rio Ardeche, na aldêa de Bidon existe um pobre cura, que se tem dedicado á creação das abelhas, e que possui um grande numero de cortiços no seu modesto jardim. A industria do bom cura foi-lhe legada pelo seu predecessor; mas elle tem augmentado com o seu trabalho a preciosa herança.

Um antigo cura de Bidon, observando com profunda magoa a falta de recursos da sua pobre igreja, que nem lhe permittia a compra da cera necessaria para o serviço divino, lembrou-se de organizar no seu jardim uma fabrica, onde se produzisse a materia prima de que tanto carecia. A fabrica cresceu, e os operarios augmentaram em numero, a ponto de se poder hoje com o producto da venda dos favos e do mel satisfazer a todas as necessidades do culto.

A formosa propriedade foi legada pelo industrioso cura aos seus successores, e chegou assim de mão em mão até ao presente.

Não foi porém o culto só que prosperou e se engrandeceu pela luminosa idéa do prudente sacerdote: a aldêa de Bidon, que era uma pobre aldêa, possui hoje uma fonte de riqueza, que antes lhe era desconhecida. O exemplo dos seus santos pastores levou os habitantes da parochia a cultivarem a nova industria; e hoje, aquelle povosinho, que vive em mon-



tanhas estereis, quasi sem solo e sem agricultura, tira das abelhas a sua subsistencia.

Este singular exemplo confirma quanto se disse neste artigo; tem mais força do que as nossas palavras. A influencia do clero, cujo poder se funda na religião, é uma grande força latente que deve ser estudada, dirigida, applicada á educação da nação: com ella se deve promover o melhoramento da sorte dos pobres que passam nas provincias uma vida de miserias, porque ignoram que na mais simples industria se escondem ás vezes uma inexgotavel mina de preciosas riquezas.

Não se póde esperar um resultado immediato da applicação deste systema de propaganda das idéas scientificas modernas, sobre tudo se se attender á desgraçada falta de instrucção que hoje tem em geral o nosso clero, pelo desleixo e incuria de administrações que se occuparam só de miseraveis interesses pessoais: porém o resultado proficuo do systema é infallivel no futuro, logo que se tenham estabelecido seminarios onde se eduque o clero, e se lhe façam conhecer os principios fundamentaes, e a parte pratica das sciencias que pódem ter applicação á agricultura e ás industrias agricolas.

João de Andrade Corvo.

UMA MEMORIA DE M. DE HUMBOLDT SOBRE A PRODUÇÃO DO OURO E DA PRATA CONSIDERADA NAS SUAS FLUCTUAÇÕES.

(Continuado do n.º 30).

MEMORIA DE M. DE HUMBOLDT.

Quando faltam resultados geraes, seria importante possuir exemplos numericos da riqueza monetaria parcial de certos paizes de minas, que poderiamos comparar com o rendimento actual de regiões celebres pelas suas minas, pezo a pezo no sentido absoluto, sem considerar o ouro como a medida do valór de uma quantidade determinada de cereaes. Thesouros que deixa um soberano como fructo de uma conquista, e de longas exacções, não dão testemunho senão do que se achou accumulado em immensa extensão de paiz depois de uma serie de seculos cujo numero nos é desconhecido. Resultados desta especie são comparaveis aos dados que os nossos estatisticos arriscam sobre a massa de metaes preciosos que se acham n'um paiz n'uma dada epoca. Quando Cyro, segundo a relação de Plinio (XXX, 15), reuniu, em consequencia da conquista da Asia, 34,000 libras de ouro, sem contar aquelle que tinha sido convertido em vasos, esta quantidade egual por tanto apenas os fructos de uma exploração de dois annos das minas do Oural. De outro lado, Appiano, apoiando-se em documentos ava-

lua o thesouro de Ptolomeu Philadelpho em 740,000 talentos, quer dizer, em 1,017 milhões de thalers, falla-se de talentos egypcios, ou 254 milhões, se se falla de pequenos talentos de Ptolomeu. « Esta asserção parece fabulosa, diz o auctor da celebre economia politica dos Athenienses, mas eu não ousou pôr em duvida a veracidade do historiador. Neste thesouro achava-se uma grande quantidade de ouro e prata trabalhada. Os estados deste principe estavam inteiramente esgotados; impostos e tributos eram extorquidos a mão armada por avidos exactores. As rendas só da Caele-Syria, da Phenicia, da Judéa e da Samaria, foram arrendadas por Ptolomeu Evergeta por uma somma de 8,000 talentos, e um Judeu as comprou pelo dobro. » M. William Jacob, n'uma excellente obra publicada a pedido do ministro d'estado Huskisson, com o titulo de: *Historical inquiry ou Precious metals*, corrobora as asserções do grande philosofo alemão. A mais alta das duas avaliações aproximar-se-hia da quantidade de prata amoedada actualmente em circulação na França e na Belgica, a segunda equivaleria pouco mais ou menos á prata amoedada que circula em Inglaterra (1).

Segundo Strabão (XV, 731) Alexandre parece que chegou a reunir em Ecbatana 380,000 talentos (2). Não se deve esquecer que, se hoje os metaes preciosos estão repartidos mais egualmente por grandes extensões e por um grande numero de povos, não acontecia o mesmo então porque se achavam concentrados n'um pequeno numero de pontos da terra e nos thesouros dos soberanos.

Não ha duvida que a grande quantidade de ouro que refluia para o Occidente vinha da Asia central, do nor-nordeste de Ladakk, da parte superior da bacia do Oxus (3) (entre o Hindú-Khú e as alturas de Pamez, no declive occidental do Bolor), da Bactriana

(1) Segundo os calculos de M. Chevalier a moeda que circula em França é avaliada em 3,000 milhões; em Inglaterra a 1,000 milhões de francos. Necker supõe já a circulação da França de 2,200 milhões; Adam Smith, a da Grã-Bretanha de 30 milhões de libras esterlinas sómente. Nos Estados da Prussia, não se acha em circulação, segundo Hoffmann, mais que 90 a 120 milhões de thalers. A prata cunhada na Prussia, de 1764 a 1836, em toda a especie de moeda, comprehendendo os quinquagessimos de thalers eleva-se, subtrahindo o que foi tirado neste espaço de tempo pela propria administração da moeda, a 182, 856, 020 thalers. A comparação de sommas tão enormes é que nos póde dar luz aos dados que nos chegaram da antiguidade.

(2) O thesouro que deixou Cyro era quasi triplo. Plinio (XXX, 3) avalia-o em 500,000 talentos em ouro e prata. Que este thesouro fosse consideravelmente diminuindo depois da morte de Cyro, Sainte-Croix conhece (*Evame critico dos historiadores de Alexandre*) deste facto que todos os metaes preciosos que a Macedonia subtrahiu na Persia se não elevaram senão a 330,000 talentos. A' cerca da concentração quasi sem exemplo dos metaes preciosos na Italia no tempo dos Cesares, vede Letronio.

(3) Burnes, *Travels in to Bokhara*, t. II, p. 265.

(4) *Oper. reliqu.*, ed. Baehr. ind. cap. IV, p. 248 e 271.



e das satrapias orientaes do imperio persa; mas é mais facil determinar a direcção da corrente aurifera do que a situação particular das differentes fontes e a sua riqueza relativa. O logar onde nasceu o mytho das formigas que procuram ouro, popalar entre os montanhezes de Derdeu, devia ser longe dos Griffões dos Arimaspas. Este mytho parece pertencer á planura de Kaschgar e d'Askú, entre as cadeias parallelas das montanhas Celestes e do Kuenlun, onde o rio Tarim entra no Lopo. Fallaremos mais adiante dos Arimaspas, que habitam muito mais ao norte, quando fallarmos das grandes massas de ouro que se encontram no Oural immediatamente debaixo da relva. A fama da riqueza da India eccóia até na Persia, para ahi ser muitas vezes, em verdade, mal interpretada. *Otesias* (4), da raça dos Asclepiadas, medico particular do rei Artaxerxes Mucmon, descreve, quasi sem ter consciencia do que diz, sob a imagem de uma fonte de ouro, uma fornalha donde o metal no estado fluido corre para vasos (fôrmas de argila). Mais proxima dos Gregos encontrava-se a Lydia perto dos rios que sahem do Tmolus, a Phrygia a Colchida, paizes ricos de ouro. A natureza das camadas de arêa aurifera tão facil de esgotar, deixa perceber ao mineiro experiente a razão porque alguns desses paizes, quando tem sido de novo visitados, tem parecido desprovidos de ouro aos viajantes que os exploravam. Se hoje se visitassem as quebradas e os valles das ilhas de Cuba e S. Domingos, ou mesmo a costa de Veragua, com que facilidade, a não serem os testemunhos historicos que possuímos, se duvidaria da riqueza da exploração destes terrenos no fim do seculo decimo quinto! A exploração subterranea propriamente dita que se exerce em veias auríferas dura mais tempo, quando alguma circumstancia extranha a não vem perturbar. Por isso mesmo que se não conhece á primeira vista o gisamento inteiro, visto que a mina se não descobre senão á proporção que se vai explorando, é que se offerece alimento mais constante á actividade humana. Bancos de alluvião contendo ouro são pelo contrario promptamente revolvidos, e despojados das riquezas que contem. Quão poucas dessas quarenta localidades onde se obtinha ouro por lavagem, tão minuciosamente descriptas por Strabão, pódem hoje ser reconhecidas! Esta observação, fundada sobre analogias positivas e lições da sciencia das minas, devia ter aqui logar, com tanta mais razão, quanto um vão scepticismo se apraz mais em abalar as tradições da antiguidade.

A parte da Europa conhecida pelos Hellenos era no ponto de vista da riqueza metalica, tão atrazada comparativamente com a Asia, como mais tarde a Europa inteira o foi em comparação do Novo-Mundo. Esta ultima relação (5), isto é, o poder de producção relativo da Europa e da America, era no princi-

pio do seculo dezanove, quando as minas das colonias hespanholas eram exploradas com a maior actividade a que chegaram, para o ouro de 1:13, para a prata de 1:15. Supponho mesmo que, no periodo d'Alexandre e dos Ptolomeos, a relação se teria achado, sobre tudo relativamente á exploração do ouro, ainda mais desfavoravel da parte da Europa, se se podessem obter dados estatisticos a este respeito. A propria Grecia, é verdade, ao lado das minas de prata primeiramente muito productivas de Laurium, possuia uma fonte de ouro bastante consideravel nas minas da Thessalia, nos montes Paugeos, proximo á fronteira de Macedonia e de Thracia, e nas dos primeiros estabelecimentos (6) dos Phenicios, situados defronte da ilha de Thasos.

A Iberia. A Iberia tambem não foi só um paiz de prata para os Phenicios e Carthaginezes. Tartessas e Ophis (entendendo-se por este paiz a Arabia (7), ou a costa oriental d'Africa, ou então, como quer Heeren, uma denominação geral para designar de um modo indeterminado os paizes ricos do Sul), Tartessas e Ophis eram a dupla direcção da frota reunida de Salomão e de Hiram. Ainda que no meio de toda a riqueza metalica da Hespanha, a prata da Betica e da districto de Carthagená, cidade fundada por Amilcar Barca, se tinha conservado por muito tempo o objecto principal do commercio exterior, havia com tudo muitos annos em que a Galliza, a Lusitania, e sobre tudo a Asturia, forneciam 20,000 libras de ouro (8), isto é, quasi tanto como o Brazil na epoca mais florescente da sua exploração. Não é para admirar, por consequencia, que a peninsula iberica, visitada muito cedo, adquirisse pelos Phenicios e Carthaginezes a reputação de um El-Dorado occidental. E' fóra de duvida que em muitos logares, que hoje não mostram senão ligeiros signaes metallicos, o solo primitivo era n'outro tempo junto da superficie coberto de camadas de arêa aurifera ou semeado de pedaços de mina de ouro encerrados n'um *minerio* solido e mássico. A importancia local destas minas da Europa meridional é incontestavel; mas comparativamente com a Asia, a sua producção metallica era diminuta. Esta ultima parte do mundo ficou muito tempo o manancial prin-

no cap. XI do meu *Ensaio politico sobre o reino da Nova Hespanha*, tit. III, pag. 400.

A exploração relativa do ouro era então 1,300 kil. e 17,300 kil. A exploração relativa em prata era 52,700 kil, e 795,000 kil.

(6) Osfr. Muller, *Historia das tribus hellenicis*.

(7) Vide, sobre um assumpto tantas vezes tratado, um escripto redigido com uma critica filosofica notavel do doutor Keil, em Dorpat.

(8) Boekh, *Economia politica* tit. I, pag. 15. O porto de Carthago encerra arêa de ouro que lança o már Mediterraneo, entre o rio Miliana e o cabo Sidi-Bu-Said. Os habitantes, que são pobres, aproveitam hoje ainda esta arêa aurifera. Dureun de la Malle, *Becherches sur la topographie de Carthage*, 1835.

(5) Os fundamentos desta avaliação acham-se contidos



cipal dos metaes preciosos, e a direcção (9) da corrente que trazia o ouro á Europa não podia ser senão de este a oeste.

Mas a propria Asia, isto é, a fama espalhada na idade media por viajantes da existencia d'immensos thesouros no Zipangu (Japão) e no archipelago meridional, produziu uma mudança subita na direcção desta corrente metalica. A America foi descoberta, não, como se disse erradamente muito tempo, porque Colombo tivesse pressentido a existencia de outro continente, mas porque procurava pelo occidente um caminho mais curto para o Zipangu, tão rico em ouro, e para os paizes de especiarias, ao sul-oeste da Asia. O maior erro geographico (a saber a idéa da proximidade da Hespanha e da India) conduziu á maior descoberta em geographia. Christovão Colombo e Americo Vesputio morreram ambos com a firme convicção de terem tocado a Asia oriental (a India das bordas do Ganges, a peninsula onde fica Cattigara); é esta a razão porque entre elles se não podia levantar contestação alguma em quanto á gloria da descoberta de um novo continente.

Em Cuba, Colombo quiz entregar ao grão-khã de Mongol as cartas do seu soberano. Crê estar no Mangi, a parte meridional da Cathay (China): procura Quinsay, a cidade celeste descripta por Marco-Polo, hoje Hung-tchen-Fu. A ilha hespanhola (Haiti), escreve Colombo ao papa Alexandre VI (10), é Tarsis, Ophir e o Zipangu. Na minha segunda viagem descubri 1.400 ilhas e um terreno de 333 milhas dependente do continente da Asia (*de la tierra firme de Asia*). Este Zipangu indo-occidental produzia pedras auríferas (*pepias de ouro*) que pezavam 8, 10 e até 20 libras.

A America, novamente descoberta tornou-se, a par-

(9) Letronio, pag. 105 e 123.

(10) Carta do mez de Fevereiro de 1502, tirada dos archivos do duque de *Varagnas*. A terceira viagem, em que o continente meridional da America foi descoberto no 1.º de Agosto de 1498 (treze mezes depois da descoberta do continente septentrional, por *Cabral*), e a quarta viagem, que deu as primeiras ideas ácerca de uma costa occidental do novo paiz, não fizeram senão confirmar o velho almirante no seu preconceito. Não é por confusão de idea que, na sua carta ao passo e segundo a propensão que tinha para mostrar uma certa erudicção biblica, elle apresenta os nomes Tarsis, Ophir e Zipangu, como synonymos de S. Domingos; essa resultia, como se vê por outros escriptos de Colombo, de ideas systematicas. Elle considerava, não precisamente a India, mas o Japão (Zipangu como o Ophir de Salomão, que elle chama tambem ás vezes *Sapora* (segundo as formulas empregadas por Joseph de Sopheira ou Saphera). Olhava Tarsis (Tarschido) não como o Tartessus iberico, mas, segundo os setenta e muitos theologos da idade media, como um nome cummum. A navegação de Salomão não era a seus olhos uma navegação dupla tendo por ponto de partida o mar Vermelho e o Mediterraneo. Não tinha outro ponto de partida senão o Aziongaber. Colombo conhecia o Quinsay por uma carta de Toscanelli e não por Marco-Polo, de que não falla nunca, ainda que se tenha muitas vezes asseverado o contrario.

tir deste momento, a fonte principal dos metaes preciosos. A nova corrente dirigiu-se do occidente para o oriente; ainda mais, atravessou a Europa, porque, em consequencia do desenvolvimento do commercio, dèz que os navegantes tinham feito a volta da Africa, foi necessario dar á Asia meridional e oriental um equivalente meio consideravel em troco das especiarias, da seda e das materias colorantes.

A America, antes da descoberta das minas de prata de Tasco no declive occidental das cordilheiras mexicanas (1522), não dava senão ouro, a rainha Isabel de Castella vê-se já obrigada, em 1497, a modificar consideravelmente a relação legal dos dois metaes preciosos. A lei monetaria de Medina (11), cuja data é tão remota, e a que até aqui se dava tão pouca importancia, não pôde explicar-se senão por esta circumstancia, e pela accumulacão do ouro em poucos pontos da Europa.

N'outra parte procurei demonstrar que, desde 1492 até 1500, toda a quantidade de ouro tirada das partes do Novo-Mundo então descobertas, se elevava apenas nos annos medios a 2,000 marcos.

O papa Alexandre VI, que pensava que tinha dado metade da terra aos Hespanhoes, recebeu em troca, presente de Fernando o Catholico, pedras de ouro proveniente do Haiti, « como premicias dos fructos do paiz novamente descoberto », para dourar o magnifico zimbório (*soffito*) da basilica de Santa Maria Maggiore. Uma inscripção faz menção do metal, *quod primo catholici reges ex India receperant*. Era tão grande então a actividade do governo hespanhol, que já, em 1495, como o provou o historiador Monoz, um mineiro, Pablo Belvis, foi mandado ao Haiti com uma porção de mercurio para accelerar a lavagem do ouro pelo amalgama. O que é admiravel é que se lê, n'uma parte recentemente descoberta e publicada ha pouco tempo, da geographia do *sherif* Edrisi (12) « que os negros do interior d'África occidental, assim como os habitantes da terra baixa e fertil chamada Wadi el Alaki (entre a Ahsynia, Badja e a Nubia), extrahiam a arêa de ouro por meio do mercurio. » O geographo nubio falla, no meio do seculo decimo segundo, deste modo de extracção, como de uma cousa conhecida ha muito. Este conhecimento seria por ventura communicado do oriente através do Egypto, ao paiz *negro* (*chemi*), dado á arte da decomposicão, na Africa? A antiguidade grega e romana faz na verdade menção de um emprego muito frequente do mercurio para tirar o ouro ligado aos fios de galões velhos, mas não falla nunca de um emprego technico em grande do mercurio nas descripções detalhadas que tantas vezes nos dá da lavagem do ouro.

(11) *Memorias de la Real Academia*, tit. VI.

(12) Vide a traducção franceza de Amadéo Jaubert (Paris, 1836) tit. 1, pag. 42 e 67. As duas paginas faltam no manuscrito que serviu de base á traducção latina de *Sionita*.

(Continua).





VASOS.

O uso dos vasos de barro tem sido universal. Desde os Etruscos até nós, todos os povos se teem applicado a esta industria, e teem nella attingido maior ou menor perfeição, não só em relação á arte e á belleza das fórmulas mas em relação á materia prima de que usaram.

Os vasos mais antigos que conhecemos são os Etruscos, de que a Europa possui hoje preciosas collecções.

A arte deste povo singular, cuja existencia obscura e triste foi como o prologo da vida de um grande imperio, apresenta-se debaixo de fórmulas tão variadas que não é facil determinar precisamente o logar que ella deve occupar na historia geral. Os Etruscos deixaram-nos muralhas colossaes, monumentos prodigiosos, cuja construcção sem cimento, mas de uma solidez indestructivel, é comparavel á dos melhores monumentos *pelasgicos*.

Os tumulos, que na fórmula geral se assemelham a templos ou a casas, são ornados de pinturas, e de esculpturas, que pelos objectos que representam, e pelo excellente estado de conservacção em que se acham teem um grande valor como meio de explicar e illustrar a historia.

A esculptura dos Etruscos apresenta tres estilos diversos, que podem distinguir-se facilmente uns dos outros pelos seus caracteres geraes. O primeiro denomina-se Egypcio, pela analogia que tem com as fórmulas simples, tradicionaes e de convenção das estatuas deste povo antigo. O segundo é o Etrusco propriamente dito, em que se encontram já signaes evidentes da influencia grega. O terceiro recebeu o nome de Hellenico, por ser uma imitacção do estilo grego. O quarto póde chamar-se o estilo da Decaden-

cia. — Todos estes estilos são dominados pelos principios nacionaes daquelle povo rude, mas dotado de incontestaveis talentos: os tórços das estatuas são longos e desproporcionados como no estilo ogival, as mãos e os pés seccos e de comprimento excessivo, as roupas adherentes ao corpo, e de uma dureza de contornos que faz lembrar as obras dos Egypcios.

Os Etruscos provaram sobre tudo o seu talento nas bellas-artes pela pintura. Os monumentos de pintura que possuímos hoje deste povo são de duas naturezas: uns existem nos tumulos e muralhas, outros nos vasos. Nos tumulos póde-se não só estudar a vida intima do povo, mas vêr o desenvolvimento da arte, desde a sua infancia até ao seu periodo de maior perfeição.

Os vasos pintados constituem um dos objectos mais importantes e vastos de que se podem occupar os estudiosos de antiguidades. O grande numero destas preciosidades que se tem descoberto, a variedade immensa das suas fórmulas, a indagação do seu uso provavel, do modo porque foram fabricados, do periodo a que pertencem, são assumptos que teem excitado a curiosidade e irritado o espirito indagador desses homens de quem o mundo se ri, que passam annos a explorar os segredos das sociedades que morreram, n'um fragmento de estatua cuberto de musgos, ou n'uma inscripção quasi gasta; homens que teem feito immensos servicos á historia, e resolvido problemas importantes de philosophia só pela constancia tenaz com que se empenham em estudos na apparencia estereis.

Os vasos mais antigos da Etruria não eram pintados, mas apenas ornados de figuras contornadas, ou em relevo grosseiro, em que se representavam as divindades, as chimeras, e outros simbolos da religião Etrusca; raras vezes se encontram nesses primeiros vasos scenas da vida intima, e de costumes. Os vasos que apresentam pinturas podem dividir-se em tres grandes classes, como se dividiram as obras de esculptura.

A primeira classe póde receber o nome de Egypcia; alguns lhe chamam Babilonica, ou Babilonico-Phenicia. O desenho das figuras é imperfeito, a fórmula geral dos vasos pouco elegante e sem graça. A côr das pinturas é escura, ás vezes variada de purpura, vermelha, e branca; o fundo é a côr natural do barro, que vem a ser um amarello avermelhado. Representam animaes, gado, chimeras, dispostos em zonas, em que as figuras grupadas aos pares, ora combatem ora se afagam: algumas flores, entre as quaes se nota o symbolico *loto*, enfeitam os quadros.

A segunda classe tem a denominaçção geral de Etrusca, ou Hellenica primitiva. « O desenho é muito mais perfeito nestes vasos do que nos da primeira classe; a fórmula dos vasos é graciosa, e geralmente o seu uso torna facil classificar-os em *hydrias* (vasos para agoa), *amphoras* (vasos para vinho), *ecelebes* (vasos onde se misturarem licores). As figuras são negras; as carnes



das mulheres, os cabellos dos velhos, e alguns objectos mais pintados de branco; as roupas são ás vezes realçadas pela côr de purpura, ou o vermelho puro.

O desenho das figuras nos vasos desta segunda classe é convencional ainda, porém tem mais espirito e animação, é feito com maior correcção do que o dos ornatos da primeira: o que estes desenhos quasi sempre representam são scenas da Grecia, ou da mythologia; o que prova que os artistas etruscos imitavam então as fórmulas puras da arte grega no seu primeiro periodo.

A terceira classe denomina-se grega, e é a perfeita imitação do melhor estillo daquelle povo artista. Nestes vasos as figuras conservam a côr avermelhada do barro, e o fundo é pintado de negro. São sem duvida alguma os vasos desta terceira classe os que se devem reputar mais preciosos em relação á arte.

A India e a China produzem tambem preciosos objectos de louça, sobre tudo de porcelana; que foram por muitos annos o mais formoso ornamento das salas e das mesas das familias abastadas da Europa. Ainda em Portugal se encontram hoje admiraveis productos desta natureza, trazidos das nossas conquistas, no tempo em que eramos grandes e poderosos.

A Europa possui uma fabrica que rivalisa com as melhores da Asia na belleza e perfeição dos seus productos, e na excellencia da porcelana que emprega: é a fabrica de Sevres. Os antigos productos desta fabrica eram na fórma imitados das antiguidades etruscas: hoje as fórmulas são mais variadas, e mais em harmonia com a moda; e o colorido dos ornatos mais brilhante e precioso. Entre as maravilhas mais admiraveis, que sahem da rica fabrica de Sevres tem o primeiro logar as pinturas feitas em chapas de porcelana; que são o maior triumpho da industria, e do gosto.

Na exposição de 1847 appareceram dois excellentes quadros deste genero; e um magnifico relógio no estillo oriental, que era destinado para Mehemet-Ali. A fabrica deste relógio representa um edificio terreo, coroado por tres minaretes; dois lateraes em que se leem as datas dos mezes solar e lunar, e um central, mais elevado, onde um harmonioso carrilhão annuncia as horas.

Muitas outras preciosidades appareceram nessa exposição, e entre ellas o elegante vaso, de estillo italiano, que representa a nossa gravura.

No tempo em que a mão poderosa do Marquez de Pombal lançou na terra portugueza as sementes da industria, nós tivemos tambem riquissimas fabricas, onde se confeccionavam vasos á imitação dos Etruscos, e camafões de grande valor. O barro de que esses vasos eram feitos, e que se achava em abundancia no nosso solo, não é já hoje aproveitado; apesar do seu valor para este genero de composições, e das suas propriedades singulares.

Resta-nos apenas a fabrica de porcelana dos Srs. Pinto Basto; que apesar das difficuldades com que tem

a lutar n'um paiz, onde o consummo é tão limitado, tem ido n'uma progressão continua; e já fabrica hoje productos que se podem comparar com os das fabricas francezas. Este estabelecimento pôde, se houver cuidado em abrilhantar mais o colorido das tintas, e em fazer mais correctos os desenhos, occupar um lugar eminente na industria da Peninsula. Nas fórmulas, e na qualidade da materia prima empregada a nossa fabrica de porcelana tem pouco que invejar ás fabricas estrangeiras.

J. de A. Corvo.

## CHRONICA.

Cedo começámos a ser victimas do entrudo! E logo nos haviam de pregar a primeira peça as senhoras... conveniencias typographicas — que são as que representam maravilhosamente as teimas e birras feminis.

A chronica passada soffreu com a mais stoica resignação tres amputações! e tanto ao desamparo que nem o (com sua licença) collega X do *Zacuto*, nos veio chegar ás ventas um pouco de chloroformio para nos mitigar as dores. Paciencia.

Alguns oradores parlamentarás, que fallaram na discussão da resposta ao discurso da Corôa, ficaram de fóra, e outros sahiram pintados com côres bastante carregadas. A culpa não foi nossa, — não sabem

» Que todo lo negro mira,

» Quie vê por negra vidreira?

foi influencia, ou antes desatino, de uns «olhos pretos» negrissimos, sob o docel de umas sombracelhas mattosas e lymphaticamente republicanas, que nos inquietaram em todas aquellas malfadadas sessões, e a favor dos quaes (iamos jura-lo) toda a camara dos deputados votaria um *bill d'indemnidade* ao ministerio, se elle quizesse infringir a Carta, e todas as leis de meios, para os agraciarem.

E então que semana aquella! Havia uma colheita de novidades litterarias como nunca.

A principal era o magnifico hymno á industria, do nosso grande poeta o Sr. A. F. de Castilho, publicado na *Revista Universal*, com o excellente acompanhamento de uma introdução laudaticia e cordeal de seu digno redactor, o Sr. Ribeiro de Sá. Alegra-se nos o coração, e attenuam-se as saudades quando lemos o qualquer producção daquelle pasmoso engenheiro, para quem achamos poucas todas as homenagens litterarias.

Esta bella poesia, é ao mesmo tempo um hymno ao trabalho, e uma proclamação contra a occiosidade. Temos pena de não a podermos copiar toda. O estribillo é este:

Copia um quadro só.



No mesmo num. da *Revista*, vem um mimoso necrologio da Sra. Aranha, escripto pelo Sr. Garrett. Pataratas que andais ahí sempre a rabiscar *necrologias*, ide alli aprender como se escreve um elogio funebre e historico reduzido ás dimensões d'artigo de jornal.

A outra novidade (retardada) foi a apparição de um periodico de medicina, de folha como os politicos, e tambem á similhaça delles com seu folhetim, intitulado o *Zacuto Lusitano*. Os seus meritos já foram bem avaliados na platéa superior da *Epoça* (a chronica está cá na geral, que é onde se dão melhor as pateadas); nós só extasiámo-nos perante o folhetim. Que facção que tem o tal X! Nem na monumental cosinha d'Alcobaça os havia maiores. Traz um golpe dado na administração dos expostos da Misericordia, que nos encheu as medidas: será difficil exceder a energia de similhante trecho. Mas quem és tu? Pois «uma de xis» póde tanto? Estes pseudonyms fazem-nos andar a cabeça á roda. Agora que temos folhetim medico, proporemos-lhe uma questão de sua competencia para nos resolver. Será para a semana.

O que porém deu brado na ultima semana, foi a *Ode* que ao nosso engenho poetico (formaes palavras) dirigiu o revisteiro do *Pharol*. Oh que bella cousa! Já estavamos desconsolado delle não sahir no dia aprazado, e todos faziam por ahí juizes temerarios como por exemplo estes do *cavaço*:

— Porque não sahiu hoje o *Pharol*?

— E' por falta d'azeite.

— Nada (acudia outro) faltou-lhe a torcida...

— Oh! querem vêr (dizia um terceiro) que o fez desabar aquelle alentado e scientifico artigo da *Revista Popular* acerca do pessimo estado dos *pharoes* em Portugal?

E neste comenos entra um distribuidor muito ce-bento (coitado) com o suspirado num. 43. Estavamos presentes, leem-nos a *Ode*, e então inchados por termos um Zoilo como Virgilio, abalamos para casa, e depois de lermos uns tres preceitos da Poetica de Manuel da Fonseca Bortalho, e os commentarios que elle traz no cap. intitulado: *Pharol da luz II*—escrevemos a seguinte contra-ode, que foi principiada pelos mesmos consoantes, mas por serem os das outras oitavas mais frouxos, seguimos só o mesmo metro e travação da sua rival.

### CONTRA-ODE.

#### ADMONITORIA AO REVISTEIRO DO PHAROL.

Ao vate caturra	Saude enviamos,
Que toca bandurra,	Como costumamos
Chiando da surra	Mas agora vamos
Que nós, o Barão,	Da <i>Ode</i> xinfrim
Lhe demos na lata:	Desforra tirarmos,
Ao que nos maltrata	Sem nos occultarmos,
Em lingua mulata	Mas sim assignarmos
Do Prestes João:	<i>Barão de Alfenim.</i>

Deixa as minhas musas  
Andarem escusas  
Das tuas (intrusas),  
Que são musas pretas,  
Vendem fava rica  
A' gente da Bica  
E com o que lhe fica  
Inspiram-te as tretas.

Deixa os versos meus,  
Vai fazendo os teus  
Que sahem judeus  
Todos de rabinho,  
Cambaios, pansudos  
Ranhosos, lansudos  
Mesmo uns botecudos  
Como o teu focinho.

Se os meus são chatos  
Os teus, carrapatos,  
Dão-se mais baratos...  
Custam vinte e cinco  
Como um berimbau  
Ou um carapau!  
E só algum babau  
Os lê com affinco.

Se os meus são compridos,  
Os teus nos ouvidos  
Deixam uns zunidos  
Como os do pandeiro:  
São versos pixotes  
Para os hottentotes;  
E atiram pinotes  
Mesmo de sendeiro.

Se os meus são ouriços,  
Os teus são roliços  
Como esses chouriços  
Da malta gallega:  
São versos d'arromba,  
Mas tem cada tomba,  
Que nenhuma tromba  
A elles se chega!

Se os eu faço duros  
E na côr escuros  
Pondo-lhes uns furos...  
Não vês, poeta phoca!  
Que de páu do ar  
Só se póde usar  
Para se tapar  
Essa tua boca?

Sae lá do *Pharol*,  
Põe qual caracol  
As gaitas ao sol  
Que não está em *braza*...  
Faz versos *tafues*,  
Pinta os céus *azues*  
Estando os ventos *sues*  
Quando o brilho *caza*!

Não faças mais pulhas  
Deixa-te de bulhas:  
Tens tantas borbulhas  
E vens criticar?  
Mas já que é entrudo  
E es abelhudo  
Eu cá topo a tudo  
Só p'ra te esollar.

*Barão de Alfenim.*

## NOTICIAS.

### FUNDOS PUBLICOS.

*Em 3 de Fevereiro.*

PRAÇA DE LISBOA.

No dia 29 de Janeiro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Inscrições de 5 por cento.....	47	48
Ditas de 4 por cento.....	38	40
Aplices de 5 por cento ant.....	47	48
Ditas de 4 por cento ditas.....	38	40
Titulos sobre a caixa de amortisação	42	45
Titulos de divida publica ant.....	2	4
Papel-moeda.....	10	12 m. f.
Titulos antigos (azues).....	3	4
Tres operações.....	18	22
Acções do Banco de Portugal.....	460\$000	470\$000
Ditas do dito Porto.....	225\$000	235\$000



Ditas das Lezírias . . . . .	345,000	350,000
Ditas — Seguro Firmeza . . . . .	345,000	350,000
Ditas — Fidelidade . . . . .	300,000	310,000
Ditas Seg. Segurança do Porto . . . . .	94,000	101,000
Ditas — Omnibus . . . . .	90,000	100,000
Ditas — Pescarias . . . . .	28,000	30,000
Ditas — Vapores do Téjo . . . . .	24,000	26,000
Ditas dos ditos do Porto . . . . .	—	—
Ditas — União Commercial . . . . .	60,000	65,000
Ditas — Fiação e Tecidos . . . . .	110,000	112,000
Ditas — Valla d'Azambuja . . . . .	50,000	60,000
Obras Publicas . . . . .	3 a 4 por cento	

## ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 19 a 23 de Janeiro de 1849.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq. <sup>a</sup>	moios	alq. <sup>a</sup>	moios	alq. <sup>a</sup>	moios	alq. <sup>a</sup>
Entrada . . . . .	763	22	50	—	113	41	15	23
Despacho . . . . .	604	16	118	51	6	31	—	25
Existencia . . . . .	7453	48	2127	43	840	50	124	14
Preços . . . . .	360 a 250		220 a 240		280 a 320		280 a 300	

## CAMBIOS EM LISBOA.

Em 19 de Janeiro

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuado
Londres 30 d. v. . . . .	52	—	—	—	52 5 oit
" 60 d. v. . . . .	52 5 oit.	—	—	—	52
" 90 d. v. . . . .	52	—	—	—	"
Pariz 100 d. d. . . . .	535	—	—	—	535
" 3 d. v. . . . .	538	—	—	—	538
Hamburgo 3 m. d. . . . .	48	—	—	—	48
Amsterdã . . . . .	42	—	—	—	42
Genova . . . . .	539	—	—	—	—
Vienna . . . . .	400	—	—	—	—
Trieste . . . . .	400	—	—	—	—
Liorne . . . . .	142	—	—	—	—
Napoles . . . . .	750	—	—	—	—
Madrid 15 d. v. . . . .	900	—	—	—	—
Cadiz 15 d. v. . . . .	920	—	—	—	—
Porto 8 d. v. . . . .	1 p. c.	—	—	—	—

## GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

OBRA EM DOIS VOLUMES EM 8.º COM ESTAMPAS

PELO DR.

JOSÉ MARIA GRANDE

Lente de Botânica e Agricultura na Escola Polytechnica, e Membro de varias sociedades litterarias e scientificas tanto nacionaes como estrangeiras.

Vai publicar-se esta obra elementar de agricultura

theorica e pratica, onde os nossos cultivadores poderão encontrar as noções mais essenciaes desta sciencia expandidas em linguagem intelligivel e clara. O auctor propoz-se principalmente na composição desta obra ser util á classe agricola; e considerar-se-ha feliz se chegar a conseguil-o. O primeiro volume, cuja impressão se está concluindo, contem as duas primeiras partes da obra, a saber — *organisação e vida das plantas* — e *elementos de agricultura*: O segundo deve conter as restantes, isto é — *elementos de horticultura e arboricultura* — *principios de economia rural* — *principios de veterinaria* — e *preceitos e maximas do agricultor*.

No primeiro volume além das noções de anatomia e physiologia vegetal mais essenciaes ao cultivador, tratam-se as seguintes materias:

*Do clima e da sua influencia na agricultura.*

Acção chimica, mechanica, e meteorologica da atmosphera, e sua influencia na agricultura.

Situação, latitude, elevação, e exposição do solo.

Inclinação e abrigos. Signaes para prever as mudanças de tempo.

*Natureza e propriedades do solo.* Composição, analyse e energia productiva das diversas especies de terrenos. *Subsolo e suas propriedades.*

*Adubos.* Correctivos. Estimulantes. Estrumes vegetaes. Animaes. Vegeto-animaes e compostos. Theoria destes diversos agentes.

*Agricultura nomada e pastoril.* Pousios. Afolhamentos. Theoria e pratica dos afolhamentos.

*Operações geraes de cultura.* Lavouras. Sementeiras. Colheitas.

*Machinas e instrumentos aratorios.* Arado. Charrua. Grade. Estirpador. Rolo. Enxada de cavallo. Sementeiro. Trilho, &c.

*Culturas especiaes.* Cultura dos cereaes. Cultura das plantas pratenses. Cultura das plantas leguminosas de sementes farinaceas. Cultura das plantas de raizes carnosas.

O preço da obra está calculado mais no intuito de generalisal-a do que de colher interesses pecuniarios.

Cada volume custará aos Srs. assignantes 600 réis, que serão satisfeitos no acto da sua entrega. Avulso custará cada volume 720 réis.

Os Srs. que quiserem assignar poderão fazel-o ou mandal-o fazer em Lisboa no escriptorio da Epoca, ou em casa dos Srs. Bertrands com loja de livros ao Chiado. Os Srs. das provincias poderão inscrever-se nos prospectos, que serão enviados para as capitães dos districtos e terras notaveis do reino.